



IPRIS Comentário

OUTUBRO DE 2014

Cabo Verde e o narcotráfico: um desafio muito sério ao estado de direito

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

A África Ocidental tem sido afectada por diversas práticas de actividades marítimas ilícitas, como o tráfico de droga, de seres humanos, de armas de pequeno porte, bem como pela pesca ilegal e pela pirataria. Num mundo cada vez mais interligado o aumento destas actividades na região não constitui apenas um problema para a estabilidade e segurança na África Ocidental, mas representa também um desafio com implicações profundas para a comunidade internacional, nomeadamente para a UE e para os EUA. Essas actividades, em particular o narcotráfico, são uma fonte de receita dos cartéis de droga da América Latina, mas também dos grupos jihadistas na África Ocidental, Sahel e Magrebe, ameaçando assim a segurança e a estabilidade internacional.

Entre os países que suscitam maior preocupação, no que respeita ao tráfico de droga na África Ocidental, encontram-se a Guiné-Bissau e Cabo Verde.¹ Se o primeiro é bem conhecido pelas suas ligações ao tráfico de droga,

considerado, talvez de forma excessiva, o primeiro narco-estado do mundo, o segundo tem sido alvo de menor atenção, constituindo no entanto uma fonte de crescente preocupação. De facto, a diferente notoriedade entre os dois justifica-se pelo facto de a Guiné-Bissau ser o ponto de passagem da droga para as rotas terrestres em direcção ao Magrebe e à Europa, enquanto Cabo Verde é o principal ponto de trânsito entre a América Latina e o continente africano.²

Apesar de ser considerado um caso de sucesso no continente em termos de desenvolvimento socioeconómico e de resiliência democrática,³ Cabo Verde tem-se deparado com dificuldades recorrentes de financiamento e de capacitação das suas forças de segurança, o que juntado ao facto de o arquipélago estar localizado na rota entre a América Latina e a África Ocidental, o torna muito apelativo no que respeita à avaliação de risco por parte dos cartéis de droga.

A crescente relevância do arquipélago de Cabo Verde na expansão do narcotráfico levou à inauguração em 2010 do Centro de Operações de Segurança Marítima (COSMAR)

¹ Os dados apresentados por um relatório da Comissão de Combate às Drogas na África Ocidental (WACD) relativos a 2010 revelam que nesse ano a maior parte do fluxo da cocaína oriunda da América Latina para a África Ocidental atravessou o arquipélago de Cabo Verde, de onde se dirigiu para a costa atlântica da região (onde se inclui a Guiné-Bissau). O relatório analisa também o papel do tráfico de droga na transformação da Guiné-Bissau num dos principais centros de tráfico na África Ocidental. Ver "Não Simplesmente em Trânsito: As drogas, o Estado e a sociedade na África Ocidental" (WACD, Junho de 2014).

² *Ibid.*

³ Cabo Verde é dos poucos países africanos que conseguiu manter um regime democrático desde a independência. Está ainda no bom caminho para cumprir a maioria dos Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento e garantiu recentemente o segundo lugar no Índice de Governação Mo Ibrahim.



na cidade da Praia. Financiado pelos EUA, o COSMAR possibilita a colaboração mais eficiente entre agências nacionais responsáveis pela monitorização e controlo de actividades ilícitas no território nacional cabo-verdiano e facilita a planificação de operações conjuntas com outros países. Entre os instrumentos disponíveis para se atingir esse fim estão o acesso a imagens de radar e de satélite. Este é o segundo centro do género no continente africano, sendo o outro sediado em Marrocos e focado na região do Mediterrâneo.⁴ A escolha de Cabo Verde para acolher o COSMAR espelha, como não poderia deixar de ser, a sua cada vez maior centralidade nas rotas internacionais do narcotráfico.

O perigo que o narcotráfico representa para o estado de direito é evidente. Numa entrevista recente, o embaixador de Cabo Verde na ONU, Fernando Wahnnon, aluiu para a ameaça da difusão do consumo de drogas no país e para o risco crescente de o narcotráfico corromper as autoridades. Nas suas palavras, “o poder de corrupção destas organizações [criminosas] é imenso. Facilmente, num estado vulnerável como Cabo Verde, pode fazer perigar o estado de direito e as próprias instituições”.⁵

Assim, como facilmente se percebe, independentemente da estabilidade de Cabo Verde, urge continuar a apoiar o desenvolvimento das suas instituições democráticas. Nessa linha, em 2005 Cabo Verde foi o terceiro país a conseguir garantir acesso ao Millennium Challenge Corporation (MCC), um programa governamental dos EUA que visa promover o crescimento económico de países que cumpram os critérios pré-estabelecidos de boa governação. Cabo Verde tornou-se ainda no primeiro país africano a cumprir o seu programa, tendo em 2012 assinado um segundo programa ao abrigo do MCC.⁶

4 “PM inaugura Centro de Operações de Segurança Marítima” (*Página Oficial do Governo de Cabo Verde*, 21 de Maio de 2010).

5 “Cabo Verde admite dificuldades na gestão das águas territoriais” (*Lusa*, 2a7 de Setembro de 2014).

6 “Cabo Verde” (Millennium Challenge Corporation).

Apontado por inúmeras vezes como um exemplo democrático no continente africano, Cabo Verde tem sido um vector relevante na estratégia de Washington para a estabilidade e segurança na região e ainda uma peça relevante na sustentação da luta norte-americana contra o

terrorismo internacional. O pequeno arquipélago africano é um pólo de estabilidade numa região volátil e tem uma posição estratégica no Atlântico Sul. Perder Cabo Verde para o narcotráfico não é, de forma alguma, uma opção tolerável.

Coincidência ou não, o novo embaixador dos EUA para Cabo Verde, Donald L. Heflin, foi primeiro-oficial e cônsul-geral na cidade mexicana de Nuevo Laredo,⁷ situada na fronteira com os EUA, conhecida pelo narcotráfico e pelos confrontos sangrentos entre cartéis de droga rivais.⁸ Heflin esteve igualmente destacado em África e no México, exerceu cargos superiores em departamentos federais norte-americanos especializados em assuntos africanos, mas é a sua passagem por Nuevo Laredo que torna interessante a sua nomeação para Cabo Verde. No seu testemunho perante o Senado, Heflin não poderia ter sido mais claro: “Os EUA e Cabo Verde são parceiros em diversas matérias importantes. Entre essas, a segurança marítima e o crime transnacional são fundamentais. O governo de Cabo Verde apoia de forma veemente as actividades contra o tráfico de droga e é um anfitrião gracioso nas visitas de navios dos EUA. Cabo Verde é um

modelo na região para uma parceria estratégica”.⁹ Como referiu Fernando Wahnnon, “a incapacidade de Cabo Verde em vigiar a sua zona económica atrai o crime organizado”. Sem meios e sem recursos, “seria impossível fazê-lo sozinho”, pelo que para “tentar ultrapassar as dificuldades [é necessário] faze[r] operações conjuntas com outros países”.¹⁰ Na ausência de programas de

7 “U.S. Ambassador to Cabo Verde: Who Is Donald Heflin?” (*ALLGov*, 27 de Setembro de 2014).

8 “At least 23 people killed in Mexican border city as victims hanged, decapitated” (*Fox News*, 5 de Maio de 2012).

9 “Statement of Donald L. Heflin Ambassador-Designate to the Republic of Cabo Verde Before the Senate Foreign Relations Committee” (*United States Senate Committee on Foreign Relations*, 29 de Julho de 2014).

10 “Cabo Verde admite dificuldades na gestão das águas territoriais” (*Lusa*, 27 de Setembro de 2014).



apoio à vigilância marítima (COSMAR) e ao desenvolvimento socioeconómico (MCC), Cabo Verde poderia ver o seu regime democrático e estado de direito postos em causa. Com isto não se pretende dizer que o pequeno arquipélago irá seguir as pisadas da vizinha Guiné-Bissau. No entanto, é importante não deixar que tudo aquilo que foi alcançado em Cabo Verde possa ser colocado em causa pelo narcotráfico.

Tal como os EUA, Portugal poderia e deveria reforçar a sua cooperação com as autoridades cabo-verdianas no combate ao narcotráfico. O novo Programa Indicativo de Cooperação (PIC 2015/2017), que em breve será assinado pelos dois países, seguramente que o terá em linha de conta.

EDITOR | Paulo Gorjão
EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>
email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Gold Sponsor



Silver Sponsor



Parceiros



Mecenas

